Centro Paula Souza
ETEC Cel. Fernando Febeliano da Costa
Curso Técnico em Nutrição e Dietética

ESTUDO SOBRE DOENÇA CELÍACA EM CRIANÇAS DE 3 A 7 ANOS

Emanoelly Victoriano[1]
Geovanna Nascimento Beira[2]
Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Maria R. N. de Alcantara

Resumo: A doença celíaca, uma enfermidade autoimune e multissistêmica, originada pela ingestão de glúten, é prevalente em crianças na faixa etária de 3 a 7 anos. Este estudo tem como objetivo auxiliar os pais e responsáveis de crianças nessas condições, a fim de conscientizar as crianças, sem causar traumas de infância. A pesquisa destaca como essa condição autoimune afeta a absorção de nutrientes devido à intolerância ao glúten, provocando inflamações no intestino delgado e levando a complicações como desnutrição. O trabalho enfatiza a importância de um diagnóstico precoce e de uma dieta rigorosa sem glúten para evitar problemas a longo prazo. Ele também discute o impacto social, emocional e econômico dessa condição tanto para as crianças quanto para os seus responsáveis. A pesquisa incluiu uma entrevista com responsáveis de crianças celíacas, cujas respostas demonstraram os desafios enfrentados na adaptação à nova rotina alimentar. Algumas mães relataram a dificuldade de contar sobre o diagnóstico de forma adequada, enquanto outras encontraram apoio nas escolas e profissionais de saúde. Além disso, muitas famílias enfrentam problemas com a contaminação cruzada e a falta de produtos acessíveis sem glúten. A partir disso foi desenvolvido uma cartilha com atividades, história e uma receita no final como material de auxílio aos responsáveis no processo de conscientização das crianças.

Palavras-chave: glúten; infância; cartilha; atividades.

[1] Aluna do Curso Técnico em Nutrição e Dietética, na Etec Cel. Fernando Febeliano da Costa – emanoellyvictoriano12@gmail.com
[2] Aluna do Curso Técnico em Nutrição e Dietética, na Etec Cel. Fernando Febeliano da Costa – geovannanascimentobeira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A doença celíaca, uma enfermidade autoimune e multissistêmica, originada pela ingestão de glúten, é prevalente em crianças na faixa etária de 3 a 7 anos. Esta condição é caracterizada por uma resposta imunológica às proteínas presentes em cereais como trigo, cevada e centeio, resultando em inflamação crônica e atrofia das vilosidades do intestino delgado. A destruição dessas vilosidades compromete a absorção de nutrientes essenciais, o que pode levar a uma série de complicações clínicas (Galvão *et al.*, 2004).

Entre as manifestações clínicas mais comuns relacionadas a esse problema encontram-se sintomas gastrointestinais como diarreia crônica, distensão abdominal, dor intensa e desconforto. Além disso, é de extrema importância observar se há atraso no crescimento e no ganho de peso dos portadores dessa doença, o que pode resultar em desnutrição e déficits de desenvolvimento. Sintomas extra intestinais também são relevantes, incluindo anemia ferropriva, fadiga, irritabilidade e, em alguns casos, transtornos do comportamento (Liu *et al.,* 2014).

O diagnóstico precoce da doença celíaca em crianças é crucial para a implementação imediata de uma dieta livre de glúten, que é atualmente a única intervenção eficaz para prevenir as complicações a longo prazo. A adesão estrita a essa dieta permite a recuperação das vilosidades intestinais, a normalização da absorção de nutrientes e a promoção de um crescimento e desenvolvimento saudáveis (Oliveira *et al.*, 2022).

A intolerância ao glúten entre crianças de 3 a 5 anos, requer uma atenção maior, uma vez que o diagnóstico é para toda a vida. E isso causa considerável impacto social, emocional e econômico tanto na vida da criança, que apresenta dificuldade de compreensão sobre o assunto por conta da faixa etária, quanto dos seus responsáveis os quais, devido à falta de autonomia da criança, muitas vezes precisam abdicar tempo de trabalho ou de lazer para preparar refeições livres de glúten, organizar a rotina da criança além de educá-la dentro de suas restrições alimentares. Por isso, é importante haver um material educativo e didático que auxilie os responsáveis nesse processo da aceitação e compreensão das crianças referente ao seu diagnóstico e às restrições alimentares.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi compreender o comportamento da criança sob a condição celíaca, a fim de auxiliá-la para melhor aceitação e também proporcionar praticidade à rotina dos responsáveis por meio de um material didático.

A revisão de literatura, foi realizada utilizando-se os sites de busca *Google Acadêmico* e *Scielo*, sendo as palavras-chave: “criança celíaca", " doença célica" e “crianças celíacas entre 2 e 7 anos". Foi realizada também uma entrevista online no Google Forms (Apêndice A) com responsáveis de crianças celíacas dentro da faixa etária de 2 a 7 anos e as respostas foram avaliadas.

Assim, de acordo com as informações obtidas por meio dessas pesquisas, foi desenvolvido uma Cartilha de Atividades, utilizando-se uma linguagem própria para esse público, ou seja, crianças de 2 a 7 anos, por meio do Canva. O objetivo da confecção desse material foi estabelecer uma comunicação com a criança a fim de explicar sua condição, sem gerar traumas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Revisão de Literatura

2.1.1. Doença Celíaca

A doença celíaca (DC) é uma doença autoimune, que é ocasionada pela absorção do glúten. É uma inflamação crônica que ocorre no intestino delgado. A história desse distúrbio autoimune remonta há mais de dois mil anos, mas foi somente em 1888 que Samuel Gee a descreveu nos termos atuais. E somente no século XX, Dicke e colegas identificaram o glúten, que se encontra presente em vários cereais, como o principal agente natural da doença (Nobre *et al.*, 2007).

Em pessoas geneticamente predispostas, fragmentos específicos de peptídeos do glúten (proteína presente no trigo, cevada e centeio) se ligam a proteínas receptoras codificadas pelos genes HLA-DQ2 e DQ8. Isso provoca uma resposta autoimune que danifica as células intestinais, resultando em desnutrição. A doença tem origem genética e pode causar problemas reprodutivos e até levar à morte (Morrell; Melby, 2017).

A confirmação do diagnóstico da DC gera um forte impacto na vida das pessoas, principalmente na de crianças e adolescentes, devido ao fato de ser uma situação que leva a uma completa mudança de alimentação. Além disso, há sentimentos de vergonha, isolamento, dificuldade nas atividades do dia a dia e nas relações sociais (Brancaglioni *et al.*, 2016).

2.1.2. Causas e diagnóstico

A doença celíaca ocorre principalmente em pessoas com predisposição genética e é desencadeada pelo consumo de glúten. Embora saiba-se que fatores genéticos desempenham um papel crucial para a ocorrência dessa situação, ainda não é possível entender completamente o impacto de outros elementos ambientais nesse processo. Esse distúrbio se apresenta como uma desordem autoimune que afeta todo o corpo, com sintomas que incluem problemas gastrointestinais, como má absorção de nutrientes, dor abdominal e inchaço, além de manifestações extra intestinais, como erupções cutâneas, fadiga, anemia, dores de cabeça e depressão (Costa, 2019).

O diagnóstico é feito por meio de testes sorológicos para identificar anticorpos específicos, e, com base nesses resultados, pode ser necessária uma biópsia intestinal, que revelará achados característicos (Ribeiro, 2018).

Para saber se realmente uma pessoa possui a doença celíaca podem ser realizados vários testes, entre eles anticorpos Anti-endomísio (anti-EMA) e Anti–transglutaminase (IgA) e para confirmar é necessário a realização da biópsia no intestino delgado (Rodrigues, 2013).

2.1.3. Tratamento

Atualmente o único tratamento possível para esse problema é uma dieta totalmente isenta de glúten e para isso ocorrer o celíaco deve ter ciência dos ingredientes usados na preparação dos alimentos e ler atentamente rótulos dos produtos industrializados. No entanto, produtos sem glúten possuem muitas vezes custo elevado (Araújo *et al.*, 2010).

Em um questionário para ter ciência da proporção da doença celíaca, 534 respostas foram obtidas sendo que a maioria das pessoas eram brasileiros. Nessa pesquisa, 69,4% de 367 pacientes responderam que nunca ingeriram o glúten e 29,5% de 156 consultados disseram não obedecer à dieta e que, neste caso, o principal órgão afetado foi o intestino delgado (Sdepanian; Morais; Neto, 2001).

2.2. Resultados e Discussão

2.2.1. Questionário online

Em relação ao questionário online realizado através do Google Forms, foram coletados o total de 7 respostas, preenchidas pelos responsáveis das crianças celíacas.

A faixa etária das crianças foram 71,4% (n=5) tinham idade superior a 5 anos, 14,3% (n= 1) 3 anos e 14,3% (n= 1) 4 anos, nenhuma delas constou idade abaixo de 3 anos e nem idade igual a 5 anos.

Em relação ao gênero do responsável, 100% do público alcançado foi feminino e quanto a faixa etária, 71,4% (n= 5) tinham de 35-44 anos e 28,6% (n= 2) de 45-54 anos, nenhuma dos respondentes apresentou idade de 18-34 e nem acima de 55 anos.

Quando questionado se a criança era intolerante ao glúten ou somente alérgica, 85,7% (n= 6) delas eram intolerantes ao glúten e 14,3% (n=1) alérgicas; vale ressaltar que a definição de intolerância é uma condição autoimune na qual o sistema imunológico ataca erroneamente o revestimento do intestino delgado em resposta à ingestão do glúten, isso leva a inflamação e danos ao intestino, resultando em sintomas como dor abdominal, inchaço, diarreia, fadiga e outros problemas de saúde. E a intolerância está relacionada a uma reação do sistema imunológico a uma proteína específica do glúten, isso desencadeia uma resposta alérgica que pode variar de leve a grave e até mesmo ser potencialmente fatal em casos extremos. Os sintomas podem ser urticária, inchaço, dificuldade respiratória e anafilaxia.

Ao questionar os responsáveis sobre como eles contaram o diagnóstico ao filho, se sentiram dúvidas sobre como contar e quanto tempo levou até ser contado a criança sobre sua condição; os responsáveis de modo generalizado fizeram uma analogia ao glúten e a dor na barriga, e que certos tipos de alimentos faziam a criança passar mal, ambos contaram para os filhos assim que receberam o diagnóstico, e ao contar para as crianças, eles tiveram apoio das escolas, dos médicos gastroenterologistas e nutricionistas. Vale ressaltar a resposta de uma das mães “Contei a ela que todos da nossa casa poderiam ser alérgicos e com isso fomos experimentando alimentos sem glúten para que ela tivesse a preocupação de pesquisar nas embalagens sem a obrigação inicial” (mãe da Isabella B. P. Maia).

Também foi questionado sobre o comportamento da criança mediante ao diagnóstico, de modo geral elas aceitaram bem, porém ainda estranham e se queixam se algum dia poderão voltar comer alimentos com glúten. Vale enfatizar a resposta de

duas mães: “Aceita bem, porém há momentos em que se queixa. Felipe é bastante cuidadoso e respeita sua condição, confere todos os rótulos e é bastante consciente” (mãe do Felipe Delmont). “Extremamente coerente e responsável. Ela assumiu a responsabilidade de questionar e sempre ler os rótulos antes de comer” (mãe da Isabella B. P. Maia).

Ao perguntar se o responsável acreditava ter usado a maneira correta ao contar para a criança sobre seu diagnóstico, a maioria acredita que sim, porém duas mães não acham que contaram da melhor maneira. Há um relato interessante de uma das mães que acredita que não contou da maneira correta “Acho que poderia ter feito melhor...no início é muita coisa pra assimilar e não sabíamos por onde começar. Hoje faria de forma mais lúdico e explicaria mais sobre o corpo dele e os alimentos antes. Porque acredito q subestimamos a capacidade de eles entenderem algumas coisas quando pequenos e acho que ele entenderia mais do que eu imaginei” (Mãe do Lucas).

Em relação à mudança na alimentação, foi perguntado aos responsáveis como foi essa mudança e se houve dificuldades nas preparações. A maioria sentiu muita dificuldade ao se adaptar à nova alimentação, ainda sentem medo de que possa acontecer uma contaminação cruzada, mesmo tendo suspendido o consumo do glúten da alimentação de todos da casa, eles disseram que foi desafiador. Vale ressaltar a resposta de uma das mães: “...Tive que fazer curso, comprar e-books e pesquisar muito...porque os preparos são diferentes...muitas vezes errei várias receitas e desperdicei muito ingrediente...o mercado também é muito mais demorado porque é preciso sempre olhar todos os rótulos com atenção mesmo comprando as mesmas marcas...já aconteceu de comprar e perceber q eles mudaram o rótulo de um mês para outro como "com glúten" então tem que ter muita atenção...eu também agora tenho que passar muito mais tempo na cozinha porque não podemos pegar delivery...nem naqueles dias de pressa ou emergência...então acabo cozinhando muito principalmente quando temos alguma festinha, já que faço tudo que tem na festa igual pra levar pra ele...porque nessa idade eles vem o alimento do amiguinho e querem igual e aí faço pra evitar ele ter vontade” (Mãe do Lucas).

Ao perguntar se foi consultado algum especialista após o diagnóstico da doença celíaca, todos os responsáveis disseram que sim, porém duas das mães constataram que não ajudou em nada: “Sim, mas não me ajudou em nada só me falou

onde tinha glúten e me deu algumas poucas receitas e não tive orientação sobre a saúde nutricional dele" (Mãe do Lucas); "Sim, mas a nutricionista não foi muito individualizada no caso da doença celíaca! Vi mais uma dieta normal sem glúten..." (Mãe da Giovanna Vargas Moraes).

Sobre como o diagnóstico tinha sido descoberto e qual a idade da criança, em geral disseram que ambas as crianças fizeram o exame de endoscopia e os sintomas foram em comum entre elas (diarreia, dor na barriga, vômito, diminuição na curva de crescimento). A idade das crianças varia numa faixa etária de 2 a 7 anos. Vale ressaltar as seguintes respostas: "Ele começou ter muitas dores de estômago, fui em 5 médicos e ninguém descobriu o que era e nem pediu endoscopia...na última gastro ela sugeriu que poderia ser H. Pilory e realmente confirmou na endoscopia...porém também vieram alterações no epitélio do intestino, ela pediu exames de anticorpos e confirmaram a doença celíaca" (Mãe do Lucas). "Ela tinha 7 anos, vomitava muito e tinha muita dores na barriga, já tinha passado por três pediatras e nada, cheguei na quarta médica que é gastro pediatra, relatei os acontecimentos e disse que eu não aguentava mais aquela situação, ela vomita 5 dias na semana e isso não era normal e ninguém descobria, ela pediu exames de sangue, foi aí que veio o diagnóstico e depois endoscopia com biopsia que confirmou" (Mãe da Isabela).

Em relação ao sentimento dos responsáveis ao descobrir que a criança não poderia ingerir glúten novamente, foi um misto de sentimentos, tristeza, dó, preocupação, medo. Obteve-se uma resposta inusitada: "Pensei que ela fosse morrer" (Mãe da Isabela); e outra mais triste: "Tristeza profunda porque seus pratos prediletos eram compostos por Pizzas artesanais preparadas pelo seu pai" (Mãe da Isabella Bacelar Palacios Maia).

Quando questionado como o responsável se sentiu contando para a criança sobre sua condição, os responsáveis se sentiram muito mal, tensos, com dó, preocupados de como a criança iria reagir, mas em geral o peso dessa doença fica principalmente para os pais, já que as crianças ainda não entendem a dimensão do que é a doença celíaca. Vale destacar duas respostas: "Sentimento de proteção misturado ao medo da exclusão e das dificuldades pelo atraso em políticas públicas que ofereçam alimentos sem glúten de fácil acesso em mercados. É muito difícil ver é pensar que sua filha não vai a hamburguerias, pizzarias porque não temos a opção de nos alimentar. Sentimento de medo pelo atraso na equidade e igualdade de direitos

neste país.” (Mãe da Isabella Bacelar Palacios Maia); “Acredito que o peso fica para nós mesmo! Embora agora ela entenda que não pode ingerir glúten, acredito que até hoje não entende toda a dimensão do que isso significa para o resto da vida! Tento mostrar que a vida continua...e que bom que descobrimos!” (Mãe da Giovanna Vargas Moraes).

Em geral, as respostas obtidas pelos questionário com os pais nos proporcionou compreender muito sobre a doença celíaca e o seu impacto na vida das crianças e seus familiares, o que nos incentivou ainda mais buscar uma maneira de ajudar essas pessoas.

2.2.2. Desenvolvimento do material didático

O produto final, uma cartilha didática com história e atividades lúdicas, voltadas para facilitar a compreensão das crianças sobre a doença celíaca e tornar isso algo mais leve de” contar “, foi desenvolvido utilizando a plataforma Canva.

A narrativa conta com uma família de três pessoas como personagens principais. Josh, um menino de cinco anos, que leva uma vida comum até descobrir que precisará mudar completamente seus hábitos após o diagnóstico da doença celíaca, seu pai Gabriel e sua mãe Isabella. Além disso, a história inclui personagens secundários, que são amigos de Josh, contribuindo para o desenvolvimento da trama e o aprendizado de maneira lúdica.

A história também retrata o momento em que a mãe de Josh conta do seu diagnóstico para ele, porém de uma forma mais lúdica, com o objetivo de causar um impacto menor em sua vida, e a outra parte é a aceitação de Josh e sua nova vida.

As atividades incluídas na cartilha foram voltadas à vida de Josh, com o objetivo de ensinar às crianças o que podem ou não ingerir, como caça-palavras, pinturas, labirinto, pontilhado, atividades de desembaralhar palavras, atividades de circular e ligar objetos e o jogo das sete pistas. Além disso, conta com uma explicação sobre o motivo dos desconfortos gastrointestinais ocorridos antes do diagnóstico, promovendo uma maior compreensão do assunto.

Foram 34 páginas com atividades incluindo as respostas, história e no fim, uma receita de cupcake com cobertura de chocolate sem o glúten com o intuito das crianças reproduzirem em casa.

Imagem 1 – Capa da Cartilha de Atividades elaborada pelo grupo para crianças celíacas.

Fonte: Do próprio autor, 2024.

O download da Cartilha de Atividades pode ser realizado no link: https://drive.google.com/file/d/1og0nGaIDote69oQkQlVl7ynIBq7ZRpxZ/view.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho foi atendido, uma vez que foi possível trazer informações sobre o tema e desenvolver um material que auxilie os responsáveis em contar a uma criança sobre sua condição de forma lúdica. Com o questionário on-line, em geral, foi observado que as pessoas passam por experiências parecidas e relatam a falta de suporte e desafios impostas pelo doença, porém cada pessoa lida com a situação de uma forma.

A cartilha proposta, alcançou o objetivo proposto de auxiliar os responsáveis na explicação da condição para a criança, por meio de histórias e atividades, contribuindo com uma melhor compreensão e aceitação da situação, além de promover autonomia e engajamento no autocuidado desde cedo.

Um material como o proposto tem muito valor, pois, proporciona uma educação lúdica e acessível para o público infantil. A criação de uma cartilha com atividades

ajudou transformar informações complexas sobre a doença celíaca, suas restrições alimentares e os cuidados necessários, em algo simples e envolvente para as crianças.

Enfim, a doença celíaca é uma condição que requer muitos cuidados alimentares, e isso é um desafio durante a infância, uma vez que as crianças acabam convivendo com outras sem restrições ao glúten. Por isso que, é necessário o envolvimento familiar e da comunidade onde estas crianças estão inseridas no cuidado e empatia. Assim, o material proposto oferece um suporte educativo e prático para a criança e para todos ao entorno.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Halina Mayer Chaves et.al. Doença celíaca, hábitos e práticas alimentares e qualidade de vida**. Revista de Nutrição**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 467-474, 2010. Disponível em:< chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/rn/a/CWKQ7fDBKfF7g88gRvy4jMG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2024.

BRANCAGLIONI, Bianca de Cássia Alvarez *et al.* Crianças e adolescentes que convivem com diabetes e doença celíaca. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 8, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/WRGXL7FV4pNk99f8drFDJQc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2024.

COSTA, Miguel Penas. **Síndrome de Melkersson-Rossenthal e Doença Celíaca: um caso clínico.** Repositório da Universidade de Lisboa (Mestrado integrado em medicina). Lisboa. 2019. Disponível em:<https://hdl.handle.net/10451/43527>. Acesso em: 10 jun. 2024.

GALVÃO, Lívia Carvalho *et al.* Apresentação clínica de doença celíaca em crianças durante dois períodos, em serviço universitário especializado**. Gastroenterologia pediátrica**. Ribeirão Preto, v. 41 n. 04, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/etec/Downloads/download%20(1).pdf>. Acesso em: 03 jun. 2024.

LIU, Shinfay Maximilian. *et al.* Doença Celíaca. **Revista Médica de Minas Gerais**. Minas Gerais, v. 24, n. 2, p. 38-45, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/etec/Downloads/Doenca-celiaca-20-12-2016%20(1).pdf>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MORRELL, Kayla, MELBY, Melissa K. Doença celíaca: o paradoxo evolucionário**. Jornal Internacional de Doença Celíaca**. Rio de Janeiro, v. 5, p. 86-94, 2017. Disponível em:<https://www.dietasemgluten.com.br/2019/12/doenca-celiaca-o-paradoxo-evolucionario.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.

NOBRE, S.R; SILVA.T; CABRAL. J.E.P. Doença Celíaca Revisitada. **Portuguese Journal of Gastroenterology,** Portugal, v. 14, n. 10, 2007. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.eloizaquintela.com.br/guide_lines/DCA%20CELIACA%20III.PDF>. Acesso em: 10 jun. 2024.

OLIVEIRA, Karla Aurianne *Sales* de; GOMES, Kelly Lima.; RODRIGUES, Rosana Gomes; FERREIRA, José Carlos de Sales. The disease of nutritional status assessment in patients with celiac disease. **Research, Society and Development,** [S. l.], v. 11, n. 5, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28749>. Acesso em: 3 jun. 2024.

RIBEIRO, Elisabete Maria Silva Ferreira. **Novos avanços no desenvolvimento de terapias não dietéticas para a doença celíaca**. 2018. Dissertação (para obtenção do Grau de Mestre em Medicina) – Faculdade de Ciências da Saúde,Universidade da Beira Interior,Portugal, 53 p. 2018 Disponível em: <ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/8526/1/6162_13185.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2024.

RODRIGUES, Ana Sofia Medeiros**. A Doença Celíaca: Etiopatogenia, Diagnóstico, Aspetos Clínicos e Tratamento.** 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas)- Universidade Fernando Pessoa – Faculdade de Ciências da Saúde ,Portugal, 46 p. Disponível em < https://www.proquest.com/openview/410177f8130c9f6c2a5b58f2c38cfb51/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SDEPANIAN, Vera Lucia; MORAIS. Mauro Batista; NETO**.** Ulysses FAGUNDES. Doença Celíaca: avaliação da obediência à dieta isenta de glúten e do conhecimento da doença pelos pacientes cadastrados na Associação dos Celíacos do Brasil (ACELBRA). **Arq Gastroenterol**, São Paulo, v. 38, n. 239 p. 232-239., 2001. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/ag/a/GWPbjTLkLGLVVwG69sFZFWD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2024.

APÊNDICE A – Entrevista com os responsáveis das crianças celíacas; Questionário no Google Forms

Olá, você está sendo convidado para participar da pesquisa sobre Doença Celíaca em crianças de 2 a 7 anos, que tem como objetivo coletar informações para o nosso TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) para que ao final dessa pesquisa possa ser elaborado um livro didático para auxílio dos pais

Este questionário faz parte da pesquisa do curso Técnico Nutrição e Dietética da Etec Cel. Fernando Febeliano da Costa, sob orientação da Profa. Ma. Gabriela Maria R. N. de Alcantara.

O preenchimento é rápido, de aproximadamente 10 min, e a sua contribuição é muito valiosa para nossa formação.

A pesquisa é voluntária e anônima, desta forma, você não fornecerá nome ou e-mail, garantindo sua privacidade. Os resultados obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos científicos citados acima.

Agradecemos muito pelo seu tempo e contribuição.

Emanoelly Victoriano

Geovanna Nascimento Beira

Em caso de dúvida,

estamos à disposição para qualquer esclarecimento através do e-mail

geovannanascimentobeira@gmail.com

Se você se sentir suficientemente esclarecido e confortável com a introdução acima e o objetivo da pesquisa, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinalar este Termo de Consentimento.

Li o termo e:

() Sim concordo em participar
() Não concordo em participar

1. Qual o nome da criança

2. Qual a idade da criança

   ( ) 3 anos
   ( ) 4 anos
   ( ) 5 anos
   ( ) maior de 5 anos
   ( ) menor de 3 anos

3. Qual seu gênero (responsável)
   ( ) Feminino
   ( ) Masculino

4. Qual a sua faixa etária?

5. Nesse caso, é alergia ou intolerância?

   ( ) Intolerância ao glúten (doença celíaca): É uma condição autoimune na qual o sistema imunológico ataca erroneamente o revestimento do intestino delgado em resposta à ingestão de glúten. Isso leva à inflamação e danos ao intestino, resultando em sintomas como dor abdominal, inchaço, diarreia, fadiga e outros problemas de saúde

   ( ) Alergia ao glúten: É uma reação do sistema imunológico a uma proteína específica do glúten. Isso desencadeia uma resposta alérgica, que pode variar de leve a grave e até mesmo ser potencialmente fatal em casos extremos. Os sintomas podem incluir urticária, inchaço, dificuldade respiratória e anafilaxia.

6. Como você contou para a criança sobre o diagnóstico? Sentiu dúvidas sobre como contar? Quanto tempo levou até que contasse para seu filho?
7. Como tem sido o comportamento da criança mediante o diagnóstico?
8. Você acha que a maneira como contou para a criança foi correta? Ou poderia ter feito diferente? Se sim, como faria?
9. Como você (responsável) lida com isso? Como foi a mudança na alimentação? Sentiu dificuldade nas preparações?
10. Consultou algum nutricionista depois do diagnóstico?
11. Como você descobriu o diagnóstico da doença celíaca e quantos anos seu filho tinha?
12. Qual foi seu primeiro pensamento quando descobriu que seu filho não poderia mais ingerir glúten?
13. Como você (responsável) se sentiu contando para a criança sobre sua condição?